

FREINET E A RESTITUIÇÃO DO SENTIDO DO TRABALHO PELA EDUCAÇÃO

MILTON MEIRA DO NASCIMENTO

Que a técnica pedagógica de Freinet ultrapassa os limites de uma simples técnica para se colocar a serviço de uma teoria construída e desenvolvida através de sua obra *L'Éducation du Travail* é o que nem sempre é percebido por aqueles que dela se utilizam freqüentemente. Todo o movimento da obra é realizado no sentido de construir o objeto que se constituirá como o centro de toda a atividade pedagógica: o trabalho. Assim, a prática pedagógica de Freinet é ao mesmo tempo iluminada pela sua concepção do trabalho e executada com o fim de realizar e mesmo redescobrir o sentido do trabalho. Há uma relação entre a concepção teórica do trabalho e a prática pedagógica, onde esta concepção, já dada pela teoria, é redescoberta e novamente produzida. Desta forma, a prática educacional não poderá, de forma alguma, aparecer desvinculada de seu pressuposto teórico. Um outro problema é a relação que se poderia estabelecer entre a sua técnica pedagógica e uma determinada prática política que teria também o mesmo suporte teórico que sustenta a atividade educacional. Neste sentido, ao lermos o texto de Freinet, torna-se praticamente fora de dúvida a impossibilidade da utilização de todo o seu instrumental pedagógico como se fosse uma técnica pura, totalmente neutra, se é que podemos falar de neutralidade em educação.

Ao fazer o balanço da situação escolar, Freinet realiza também uma análise da situação social, onde predominam o progresso científico e tecnológico e onde o desastre da educação é, na verdade, provocado por uma sociedade onde o cientificismo e todos os maus usos da ciência e da tecnologia inverteram ou mesmo fizeram esquecer o sentido profundo da vida.

“As conquistas da ciência no domínio mecânico e burocrático, essa ilusão de progresso que ilumina com uma falsa luz toda a nossa época, lisonjeiam o amor-próprio até dos ignorantes, que se regozijam beatamente por haverem nascido no século das luzes. E encontram-se sempre

políticos suficientemente astutos para sentirem as possibilidades de exploração que essas novas crenças encerram.

“Então produziu-se uma separação perigosa entre a vida familiar, os hábitos inextricáveis de alimentação, de trabalho, de jogo, entre todo esse complexo profundo, e também psíquico, por vezes subconsciente, que nos prendem malgrado nosso a um solo, a uma casa — ainda que esta seja um casebre — a um vale, a uma sombra, a uma atmosfera, a um atalho, e, para além desse solo e desse atalho, a um passado e a uma raça; produziu-se pois uma separação perigosa entre todos esses elementos essenciais que se julgou poder eliminar, e as tentativas aventurosas de uma ciência, de uma cultura, nas quais nem tudo é falso, mas que constituem como que uma ruptura de equilíbrio, como uma tentativa de movimento autônomo, como um desses mísseis que os cientistas projetam enviar para a lua e que partiria com uma força inicial espantosa, força que perderia à medida que se afastasse da terra, e que estaria ali, em suspenso, pronto a cair novamente sobre a terra para aniquilar a própria idéia por momentos realizada com uma audácia digna de um melhor fim.”(1)

A crítica da noção de progresso vem acompanhada de uma crítica ao desaparecimento da tradição. E aqui Freinet menciona a perda da memória como um dos fatores essenciais que marcam o aparecimento de uma ciência e de uma tecnologia que cada vez mais afastam o homem de uma tradição que o prendia ao solo, à casa, enfim, à natureza. Instaura-se, portanto, um grande desequilíbrio na vida comum dos homens. E a busca do equilíbrio rompido será a tarefa a que se deverá propor a escola renovada. Para isto, é preciso reencontrar o verdadeiro motor da vida, capaz de reconstruir a cadeia quebrada pela falsa noção de progresso. É no domínio calmo e tranqüilo da natureza que o homem reencontra o sentido da vida. Para Freinet, será o camponês o melhor exemplo da harmonia perfeita que se estabelece entre o homem e a natureza.

“Vendo-o assim tão calmo, senhor Mathieu, no entardecer de um dia bendito, imagino que era sem dúvida assim que se sentava já o seu pai quando acabava de amassar e de cozer...”

— O que prova que o progresso, pelo menos na nossa aldeia, se tem arrastado estranhamente, pois que, com efeito, nada parece mudado depois de cem anos de existência! Não falemos da cidade, porque então eu poderei perguntar, perante o espetáculo das carnificinas e da miséria atual, se não houve um retrocesso...”(2)

“A natureza não foi mais madrasta conosco. Cada indivíduo, por mais deserdado, pode produzir igualmente a sua parcela de vida e de verdade.

(1) Freinet, Celestin, *L'Éducation du Travail*, Actualités pédagogiques et psychologiques, sous les auspices de l'institut des sciences de l'éducation de l'Université de Genève, Quatrième édition, p. 47.

(2) Id., *Ibid.*, p. 45.

Mas não devemos pedir à pedra dura que acolha plantas delicadas para concluirmos apressadamente pela esterilidade.

E é isso que deve ser essencial em educação: todo homem, toda criança sobretudo, traz em si virtualidades de vida, de adaptação e de ação. Têm-nas conhecido mal até hoje; têm-nas reprimido em nome da tradição pedagógica, das crenças metafísicas ou das descobertas racionais e científicas. Devemos redescobri-las, deixá-las germinar para assentar sobre essas virtualidades todas as nossas intervenções educativas.”(3)

Como em Rousseau, a atividade pedagógica, segundo Freinet, deve ser norteada por um princípio fundamental que consiste em “deixar falar a natureza”. Não se trata de forma alguma de excluir a intervenção do educador. O que se pede é que a prática pedagógica seja guiada pelas virtualidades de vida, de adaptação e de ação do educando. A educação assume, portanto, um caráter bastante preciso e extremamente complexo. Renovar a escola não significa simplesmente transformar a escola austera num local de diversão onde tudo é permitido e onde se deve fazer todas as vontades da criança. “A escola não deve procurar sistematicamente o prazer, do mesmo modo que não deve cultivar o sofrimento. Prazer e sofrimento não são nunca forças profundas; são simplesmente manifestações, indícios, como o funcionamento frouxamente lubrificado de um motor harmonioso ou os estalidos e as batidas surdas que assinalam o esforço anormal e o desgaste perigoso que daí resulta.

“Não julgue resolver o grave problema da educação substituindo arbitrariamente a escola austera e antinatural por aquela a que alguns contemporâneos chamaram a Escola sorridente ou a Escola alegre. Isso é muito simplesmente pintar uma máscara enganadora sobre uma realidade que nem por isso deixará de persistir talvez apenas ligeiramente deformada. E correrá o risco de habituar as crianças a procurarem o prazer pelo prazer, a fugirem de um sofrimento que não seria mais do que a antítese do prazer.”(4)

Numa sociedade em que o trabalho se tornou sinônimo de sofrimento, de castigo, de obrigação, freqüentar a escola será o início da *via crucis*. Mas há, no final, uma recompensa para o bom trabalhador. Afinal, o dinheiro ainda continua sendo o motor da vida. “Neste sentido, meu filho, vale a pena o esforço de hoje. O homem que não estuda, o que fará da vida mais tarde? Veja o exemplo do seu pai. Se eu tivesse estudado... Mas antigamente não tinha escola. O jeito era trabalhar.” A tarefa delicada da renovação da escola não poderá ser efetuada sem uma redefinição do conceito de trabalho. E já podemos antever os equívocos de uma “educação pelo trabalho” quando este é sinônimo de sofrimento, de castigo, de obrigação. Por outro lado, ao tentar fazer da escola um lugar

(3) Id., *Ibid.*, p. 94.

(4) Id., *Ibid.*, p. 94.

agradável, podemos cair no extremo oposto. A escola não seria um lugar onde se praticaria uma atividade seriamente, mas um lugar para se brincar. Ou seja, seria preciso neutralizar o impacto do ingresso do indivíduo na vida difícil do trabalho. Ao lado disso seria necessário acenar para a possibilidade da ascensão social e para o caráter mágico do dinheiro. Teríamos aí a escola alegre, o paraíso das crianças.

Não é de estranhar, por exemplo, que nos últimos anos a pedagogia de Freinet tenha sido largamente utilizada por cristãos, fascistas, socialistas, comunistas, liberais, todos desenvolvendo a "educação pelo trabalho" como se esta pudesse ser apresentada como uma técnica neutra. Certamente não se discutia aí a noção de trabalho. Seria preciso mantê-la sob uma certa ambigüidade e um tanto vaga. Assim, cada um se reservaria o direito de poder interpretá-la à sua maneira. Num dado momento de sua reflexão, Freinet afirma: "O que suscita e orienta os pensamentos dos homens, o que justifica o seu comportamento individual e social, é o trabalho em tudo quanto ele tem atualmente de complexo e de socialmente organizado, o trabalho, motor essencial, elemento de progresso e de dignidade, símbolo de paz e de fraternidade. Mas atenção: eu não me limitaria a ligar essa escola ao trabalho pela falaciosa linguagem das palavras e dos livros. Não renovaria essa traição, mas colocaria efetivamente o trabalho na base de toda a nossa educação." (5)

Concepção bastante vaga do trabalho e que ainda não é suficiente para precisar o seu sentido. Poderiam surgir alguns equívocos de interpretação da obra de Freinet, se nos detivéssemos no texto acima. Pois o autor não pára aí. Para ele, reencontrar o sentido natural do trabalho é, em última análise, romper com os laços de um estrutura social onde o trabalho se tornou escravidão, onde o homem que trabalha não participa dos resultados do seu esforço, onde o trabalho se encontra radicalmente separado da vida. Por isso mesmo, trabalha-se e estuda-se por obrigação. E não há alternativa quando está em jogo a própria sobrevivência de cada um. Nestas condições, como fazer do trabalho-castigo, do trabalho-sofrimento, um trabalho que seja libertação e perpetuação da vida? Como realizar esta transformação? Como redescobrir o sentido profundo do trabalho como criação e libertação?

"Sim, eu queria que fosse lealmente tentado um dia esse método de educação pelo trabalho, e então se veria se ele não formaria melhor a nossa infância, se ele não interessaria mais profundamente os alunos do que as vossas práticas mais originais... demasiado originais! Porque eu não aconselharia a procurar o original, mas antes o normal, o natural, o simples, aquilo que é tão normal, tão natural, tão simples que nem sequer poderia vir à mente de todos os fazedores de sistemas que, tal como os sistemas filosóficos, se contradizem e se destroem mutuamente." (6)

(5) Id., *Ibid.*, p. 112.

(6) Id., *Ibid.*, p. 113.

Procurar o natural não significa uma volta nostálgica a um paraíso perdido, mas sim, um encontro com a simplicidade, com as manifestações mais elementares da vida. Tudo isso em oposição ao artificialismo e à sistematização da vida produzidos pelo avanço científico e tecnológico.

E, na busca do natural e do simples, há uma outra atividade que precisa ser repensada. Trata-se do jogo. Há uma opinião corrente de que o trabalho é feito para os adultos e os jogos e as brincadeiras devem constituir a atividade mais importante da criança. Mas, para Freinet, o grande animador da vida desde a mais tenra infância não é o jogo, mas o trabalho. Os homens ligaram erroneamente o jogo ao prazer e o trabalho ao sofrimento. Mas, para redescobrirmos o trabalho como libertação é preciso começar por desmentir essas falsas concepções do trabalho e do jogo.

“Há um jogo por assim dizer ‘funcional’, que se exerce no sentido das atividades individuais e sociais da criança e do homem, um jogo que mergulha suas raízes mais ou menos profundamente no devir ancestral, e que, talvez indiretamente, permanece como uma preparação essencial para a vida, uma educação que se processa misteriosamente, instintivamente, não no mundo analítico, racional e dogmático da escolástica, mas num espírito, por uma lógica, segundo um processo que parece ser específico da natureza da criança.

Esse jogo, que é essencial, tanto ao jovem animal quanto ao jovem homem, é, em definitivo, trabalho, mas trabalho de criança, cujo objetivo nós nem sempre apreendemos, que nós de modo algum reconhecemos porque ele é menos terra a terra, menos baixamente utilitário do que nós comumente o imaginamos. Para a criança, esse trabalho-jogo é uma espécie de explosão e de libertação, como ainda o sente, em nossos dias, o homem que consegue entregar-se a uma tarefa profunda que o anima e o exalta.” (7)

A criança também trabalha. Mas o seu trabalho, que aos olhos do adulto não é coisa séria, é, acima de tudo, explosão de vida, libertação e criação. Há, pois, uma atividade inerente à própria natureza humana, ligada diretamente ao instinto de conquista e de conservação da vida. Desta forma, quando Freinet se refere ao trabalho, a partir do qual é preciso repensar o problema educacional, ele tem em mente o trabalho-jogo, uma atividade essencialmente libertadora. Trabalho e jogo foram sempre considerados como duas atividades opostas. Só se brinca quando não há mais nada de sério a fazer ou então para recobrar os ânimos após uma jornada penosa e difícil de trabalho. E, quando a agitação da vida moderna não deixa ao trabalhador nenhum momento de folga, se torna

(7) *Id.*, *Ibid.*, p. 118.

imperiosa a busca de soluções para o lazer. Afinal, pensa-se, o homem não pode viver só trabalhando. É essencial que se divirta também.

Da reflexão sobre o trabalho e o jogo resulta, portanto, que o jogo não será, como normalmente costuma ser, uma recompensa depois do trabalho fatigante.

“Se as minhas observações são justas, delas resultaria que os psicólogos cometem um grave erro quando consideram o jogo como um recreio natural e necessário depois do trabalho.

— No entanto, isso é verdade até para os homens... Não temos nós necessidade de distrações?...

— Isso só é exato, acredite-me, para aqueles que se entregam a uma certa forma de trabalho, a quem faltam exatamente essas atividades ‘funcionais’ de que lhes dei alguns exemplos.” (8)

Além disso, há um outro motivo para as misérias da vida, que não vêm necessariamente do trabalho e há também um outro motivo para a alegria profunda que não provém necessariamente do jogo. A verdadeira alegria provém do trabalho e da satisfação que ele traz. “A mais esgotante das maldições não vem do próprio trabalho, mas da miséria que muitas vezes o acompanha, do sofrimento inútil e injusto, das aflições insuspeitadas dos homens, das mulheres e das crianças, a quem se rouba esse pão que eles no entanto ganharam, e que sofrem isso na sua carne e no seu coração. O povo não tem ilusões sobre isso. Ele sente que o trabalho é, pelo contrário, o seu único refúgio, a única possibilidade de manter ao fim esse mínimo de dignidade, de confiança na sua força e na sua utilidade social sem as quais a própria vida seria inaceitável.” (9)

As descobertas no plano teórico, para Freinet, não se apresentam como verdades prontas. Não são também teorias que deverão ser “postas em prática”, mas sim, “redescobertas pela prática pedagógica”. Assim, o processo de descoberta do verdadeiro sentido do trabalho na teoria exigirá uma prática onde esse trabalho ao mesmo tempo norteia e é novamente descoberto ou redescoberto. A atividade educacional terá então sua justificativa e seu fundamento na descoberta dessa atividade funcional libertadora, o que implica uma redefinição no sentido do trabalho e do jogo. Ambos se prestam às mesmas finalidades, não há oposição entre eles. Em última análise, o trabalho-jogo será ao mesmo tempo meio e fim da atividade pedagógica, ou seja, é no próprio processo educativo que tem por fundamento a prática do trabalho-jogo que se descobre o seu verdadeiro sentido.

“Os jogos são principalmente, tal como o trabalho, satisfação dessa necessidade de vida e de atividade que é como que o barômetro do nosso poder específico.

(8) Id., *Ibid.*, p. 124.

(9) Id., *Ibid.*, p. 124.

Seria interessante estabelecer psicologicamente se aquilo que eu afirmo adiante não é exato: *não há na criança necessidade natural do jogo; mas apenas necessidade de trabalho*, isto é, a necessidade orgânica de usar o potencial de vida uma atividade ao mesmo tempo individual e social, que tenha um objetivo perfeitamente compreendido, à medida das possibilidades infantis, e apresentando uma grande amplitude de reações: fadiga-repouso, agitação-calma, emoção-apaziguamento, medo-segurança, risco-vitória. É necessário, além disso, que esse trabalho salve algumas tendências psíquicas mais urgentes, sobretudo nesta idade: *o sentimento de poder*, o desejo permanente de se superar, de ultrapassar os outros, de alcançar vitórias, grandes ou pequenas, de dominar alguém ou alguma coisa." (10)

O trabalho-jogo não é nada de estranho à vida do homem, mas sim parte dela, o seu motor. Mesmo os artificialismos da vida moderna, a diversificação e a complexidade do trabalho desenvolvido a partir do avanço da ciência e da técnica não poderão separar o trabalho da vida dos homens, mas contribuir para que aumente em cada indivíduo esse poder instintivo de conquista e de conservação da vida. Mas tudo isso tem um ritmo, um ritmo que é dado antes de mais nada pela natureza. Surge, então, ao lado desta concepção do trabalho integrado à vida, a concepção da natureza como um devir constante, mutação, transformação. E os símbolos utilizados aqui por Freinet são a água e o fogo.

"Essas qualidades que nós tão dificilmente conseguimos precisar e realizar nos trabalhos que oferecemos ou impomos às crianças, dois elementos as possuem naturalmente, e é esse o motivo pelo qual eles estão carregados de uma tal atração: a água e o fogo.

Coloque uma criança à beira de um rio ou de um canal. Todas as solicitações exteriores são supérfluas. Já não existe jogo; já não existe mais do que a irresistível atração por *essa coisa viva*: a água! (11)

A criança prefere entregar-se a tarefas que apresentem dinamismo, ação e despertam o sentido do mistério. Há, por assim dizer, um impulso natural a acompanhar o ritmo da natureza. O trabalho com a areia, que tanto encanta as crianças, é um exemplo de todo esse envolvimento com o natural. "Com a areia todas as tendências essenciais da criança são satisfeitas: sentimento de poder em primeiro lugar, impaciência na espera de um resultado que se quereria ver seguir imediatamente à ação; vida e dinamismo, e também mistério. Quando a criança cobre a sua perna de areia quente, é como um terno envolvimento que a acaricia; mas se mergulha o braço até ao ombro na massa movediça, isso provoca uma espécie de arrepio como se um animal insinuante lhe apertasse o corpo." (12)

(10) Id., *Ibid.*, p. 126.

(11) Id., *Ibid.*, p. 131.

(12) Id., *Ibid.*, p. 131.

A natureza continua o seu curso, mas o homem nem sempre o acompanha. E, pior ainda, tenta impedir o seu curso natural. A própria perda do sentido natural do trabalho constitui uma dessas violências realizadas contra a natureza. Tal é a situação da nossa sociedade e da escola que a ela serve. Criam-se situações enganosas para fazer com que a criança e o homem adulto se sintam no seu curso natural, mas que apenas contribuem para agravar ainda mais o problema. Os homens sentem necessidade de criar situações que compensem o seu estado de degradação. Como substitutivos para o trabalho-jogo, temos o que Freinet chama de jogos-trabalho, "que satisfazem a necessidade geral e inata de conquistar a vida" (jogos de esconde-esconde, pega-ladrão etc.), mas que não se devem constituir na única atividade escolar. Por outro lado, há os chamados jogos de descontração psíquica, que já não apresentam nenhuma ligação com essa necessidade instintiva do homem para o trabalho e para a conquista e conservação da vida. Esse tipo de compensação é provocado por um estado de coisas, uma situação social onde o homem perdeu todo o sentido original do trabalho e onde foi rompido o equilíbrio natural. Assim, essa categoria de atividades está condicionada pelo ganho. "O homem e o aluno da escola esquivar-se-iam à sua tarefa, o jogador abandonaria um jogo em que não está interessado, segundo a expressão consagrada pelos próprios jogadores." (13)

"O homem que, na vida, tem o seu futuro assegurado, quer por um emprego estável, quer pela riqueza de um domínio que é uma garantia inabalável, entrega-se com muito mais calma e segurança à sua obra. Nem sequer se preocupa com o ganho que, sabe-o ele, será a consequência natural dos seus esforços. Mas o operário que está constringido a contar com a doença, o desemprego, a velhice, que tem sempre diante de si a obsessão da miséria e da fome; os camponeses que apenas possuem campo magros e grajas anêmicas, estão como que hipnotizados pela necessidade de ganhar dinheiro. Eles já não têm tempo para se demorarem no encanto arrebatador do trabalho; é preciso trabalhar depressa, produzir o mais possível para defender o seu lugar ao sol, único objetivo que conta, ainda que seja necessário, para o conseguir, usar de meios tortuosos e não muito honestos.

O jogo-trabalho aparenta-se com a atividade serena do homem economicamente liberto; o jogo de descontração compensadora psíquica trará em si as mesmas taras que marcam toda a atividade do operário e do camponês dominados pela lei de ferro de uma sociedade madrastra." (14)

Paralelamente a toda essa reflexão sobre o trabalho, Freinet irá também reformular o conceito de liberdade. Trata-se agora, também, de

(13) Id., *Ibid.*, p. 171.

(14) Id., *Ibid.*, p. 171.

reencontrar o verdadeiro sentido dessa palavra que foi adulterada pela sociedade e pela escola. Há uma íntima união entre o trabalho e a liberdade na concepção de Freinet, em contraste com aquela concepção que sempre ligou o trabalho ao sofrimento e à escravidão.

“Alguns porão à frente a palavra liberdade. Notará que é esta a primeira vez desde que discutimos que essa palavra se me apresenta. É que a liberdade não é de modo algum uma entidade que possa existir assim fora da vida e do trabalho, tal como essa outra entidade psicológica de que já falamos: a memória. A liberdade é sempre relativa. Só espíritos pervertidos por uma educação demasiado formal a puderem elevar à categoria de uma necessidade individual e social.

O que conta, em todas as circunstâncias, não é a liberdade em si mesma, mas a possibilidade maior ou menor que temos de satisfazer as nossas necessidades essenciais, de aumentar o nosso poder, de nos elevarmos, de triunfar na luta contra a natureza, contra as suas forças, contra os inimigos. Para o conseguir, somos capazes de aceitar os mais pesados sacrifícios em matéria de liberdade. O que nos pesa, o que nos aniquila, é que se contrarie a satisfação dessas necessidades, que nos impeçam de subir, que nos obriguem a uma vida e a tarefas que são a negação mesma das nossas aspirações dinâmicas. Ser livre, é caminhar magnificamente sobre o caminho da vida, ainda que esse caminho seja rigorosamente delimitado, enquadrado por múltiplas obrigações, tornado penoso e laborioso pelos obstáculos a vencer. A privação da liberdade é a impossibilidade em que caímos de caminhar assim para a luz, conscientes ou não, cuja tração sentimos; é o extravio em atalhos sem objetivo onde os nossos inimigos nos dominam incessantemente, despojando os nossos esforços de todo o seu sentido humano.” (15)

Definidos assim esses conceitos fundamentais, que contribuam para reencontrar o verdadeiro sentido do trabalho, chega-se ao momento de organizar a escola na prática, como fazer funcionar a educação pelo trabalho. Esta tarefa de realização será na prática também, tal como na construção teórica, uma descoberta, um reencontro com as verdadeiras origens naturais do trabalho. “Limitemo-nos a oferecer possibilidades de atividade (local, utensílios, materiais e técnicas), a colocar os nossos alunos numa atmosfera de trabalho, a organizar desde a escola, o nosso embrião de sociedade, com as suas regras, os seus costumes, as suas leis, o seu ritmo, a sua honra, em íntima ligação aliás com o processo da sociedade atual. E insisto um pouco neste aspecto: a nossa organização escolar não deve ser uma caricatura de sociedade “para brincar”, do mesmo modo que o trabalho não deve ser um trabalho “para brincar”, mas uma atividade verdadeira, fundamentada no mesmo tempo individual, escolar e socialmente.”(16)

(15) Id., *Ibid.*, p. 218.

(16) Id., *Ibid.*, p. 244.

Na construção da nova escola há uma ordem de importância que se deve impor logo de início. Trata-se de dar prioridade total à organização do trabalho. É preciso organizar o material de trabalho e criar o ambiente necessário para o seu desenvolvimento. "A nova educação pelo trabalho será o que dela fizerem o material e a organização".(17) "A organização do trabalho se torna, depois da instalação material, a preocupação mais urgente, e também porque a criança aprecia essa precisão na ordem em geral, que lhe dita, apoiando-se, a sua ordem pessoal."(18)

"O que deve dominar, nas vossas preocupações educativas, não é a matéria a ensinar nem o conteúdo dos livros, nem a técnica formal da aprendizagem, nem as indicações teóricas sobre os deveres e comportamentos, mas a preparação dos locais adaptados ao novo trabalho, a organização metódica das oficinas, o aperfeiçoamento e, se necessário, a fabricação das ferramentas indispensáveis, o estudo pormenorizado das condições de colaboração, o funcionamento, com um mínimo de atrito, do mecanismo assim montado. Veremos brilhar o alvorecer de uma nova cultura que terá reencontrado as suas fundações inelutáveis na majestade do trabalho." (19)

Notamos então, ao longo da *L'Éducation du Travail*, um movimento bem nítido, uma passagem do nível teórico para o prático, que se faz no interior do próprio discurso com uma exigência necessária. Há também, por assim dizer, dois movimentos de construção e de redescoberta do sentido do trabalho: um pela reflexão teórica e outro pela prática pedagógica. Poderíamos dizer, neste caso, como Louis Althusser, que "a prática teórica produz conhecimentos que, em seguida, podem figurar como meios a serviços dos objetivos de uma prática técnica". (20) A produção de novos conhecimentos se desenvolve em torno da redescoberta do sentido do trabalho e da liberdade. Passa-se, então, para um novo universo conceitual. E o trabalho, por sua vez, servirá como um meio a serviço da prática pedagógica. Mas um dado novo que podemos acrescentar aqui é que, para Freinet, o trabalho não será apenas um meio, um instrumento a serviço da educação, mas também um fim, um objetivo a ser atingido. Ou seja, uma educação assim fundamentada levaria a uma redescoberta do verdadeiro sentido do trabalho. Trabalhando se descobriria o que ele apresenta de profundamente natural.

Torna-se, dessa maneira, impossível desvincular a técnica pedagógica de Freinet de toda uma concepção nova do trabalho e da liberdade, que é também o objetivo último da ação pedagógica. O que significa também assumir uma posição definida frente ao problema educacional. Há toda

(17) Id., *Ibid.*, p. 262.

(18) Id., *Ibid.*, p. 269.

(19) Id., *Ibid.*, p. 275.

(20) ALTHUSSER, Louis, *Pour Marx*, François Maspero, Paris.

uma filosofia da educação em jogo. E, certamente, essa filosofia não conseguiria unir fascistas, liberais, cristãos, comunistas e socialistas. A técnica pedagógica de Freinet, aplicada indistintamente como se fosse uma técnica neutra, instrumento manejável em função de objetivos quaisquer, os mais variados e até mesmo conflitantes, poderia, quando muito, configurar aquela escola "a que alguns contemporâneos chamaram de Escola sorridente, ou de Escola alegre. Isso é muito simplesmente pintar uma máscara enganadora sobre uma realidade que nem por isso deixará de persistir, talvez apenas ligeiramente deformada."